

A guerra é a guerra



© Jaime Freitas

No ano em que celebra vinte anos de actividade, o Teatro do Bairro / Ar de Filmes leva amanhã (21:30) e quinta-feira (19:00) à Sala Principal do TMJB a *Mãe Coragem* de Brecht, encenada por António Pires e protagonizada por Maria João Luís.

Sendo considerada por muitos como a mais representativa obra do 'teatro épico' de Bertolt Brecht, a *Mãe Coragem* foi escrita em 1939 durante o exílio do dramaturgo, que, fugindo ao nazismo, deixou a Alemanha nas vésperas do início da II Guerra Mundial. O texto consiste numa crítica à guerra e ao conformismo, bem como numa radiografia ao conflito, demasiado humano, entre a moral e a necessidade de sobrevivência.

Anna Fierling (a 'Mãe Coragem') é uma vendedora ambulante que atravessa os campos onde se trava a guerra, arrastando uma carroça de mercadorias na companhia dos seus três filhos. Ao mesmo tempo que os tenta proteger do conflito armado, para sobreviver, Anna vai fazendo escolhas eticamente questionáveis, não se abstendo de entrar em conluios que acabam por pôr em risco a vida da sua própria família. No final, o resultado das suas ações acaba por revelar-se bem amargo.

Numa conversa com João Carneiro publicada na folha de sala do espectáculo aquando da estreia, no

mês passado no Centro Cultural de Belém, António Pires revelou que "aquilo de que eu gosto nesta peça é a possibilidade de chamar a atenção das pessoas para a guerra, e para o horror na guerra, sem fazer o que fazem as televisões, ou o que fazem as redes sociais. Ou seja, utilizando o teatro. O espectáculo começa com dois soldados, ou um engajador e um soldado. Um deles olha para a plateia e diz: 'Vê-se bem que a guerra não passa por aqui há muito tempo'. E acaba a dizer assim: 'A princípio, como todas as coisas importantes, a guerra faz medo; afinal é uma coisa que não se conhece, mas depois as pessoas habituam-se. E não querem já saber da paz'. Um outro fator importante é que eu nasci numa guerra. Eu nasci em Angola, o meu avô era português, foi retornado; mas eu fugi da guerra civil, não da guerra do Ultramar: os portugueses já tinham saído. Fugi da guerra entre a UNITA e o MPLA. A minha mãe teve de agarrar em mim e no meu irmão e teve de fugir da guerra. Das minhas primeiras memórias, muitas são de tiros: de tiros, de bombas, de soldados, de medo, do caos, do terror autêntico que se gerou nas pessoas em risco de vida. Mas, lá está, essas pessoas têm de viver, têm de comer. Ainda vivi assim alguns meses, e depois as pessoas fugiram e a minha família também. Sou um refugiado de guerra".

O FESTIVAL VISTO DE FORA

O espectro da Revolução

"Tudo começa com o aparecimento do espectro", escreve Derrida, a propósito da Revolução. Se assim for, o espectro desta edição do Festival de Almada é a própria Revolução, a rememoração de um acontecimento a que temos agora de regressar para elucidar o que devemos ler sobre a sua existência, cinquenta anos depois de um exército armado com cravos ter proporcionado que o povo acabasse com meio século de ditadura. Como comemorar a partir do teatro, numa época

marcada pelo individualismo e pelo ultraliberalismo mais desumano, a conquista de uma palavra - liberdade - que hoje se tornou a principal reivindicação da extrema-direita?

O Festival de Almada apresenta, a poucos metros de distância, duas exposições documentais: *25 de Abril: os dias, as pessoas e os símbolos* mostra jornais, fotografias, panfletos... e recupera biografias, perfis e acontecimentos do período revolucionário. *Liberdade! Liberdade! A Revolução no tea-*

tro, com curadoria de Nuno Costa Moura, mostra as tentativas de aproximação do teatro português a um teatro europeu que, no período cinzento da ditadura, parecia estar muito longe. Mas, a partir dos palcos, testaram-se os limites da censura, experimentaram-se novas formas de interacção social e apelou-se à consciência cívica da cidadania.

"Parece-me que deveríamos reflectir mais sobre esta parte da História do teatro e, já agora, mesmo sobre a História em geral", diz Rodrigo Francisco. "O teatro em democracia foi construído pelos grupos independentes, que já tinham começado a trabalhar antes da Revolução e que, durante o período revolucionário, se oferece-

ram para levar o teatro a todo o País, a sítios onde nunca se tinha representado, e em condições absolutamente precárias. Foram pioneiros: o Grupo de Teatro de Campolide (precursor do que viria a ser a Companhia de Teatro de Almada), o Teatro da Cornucópia, A Barraca, a Seiva Trupe... faziam parte de um movimento colectivo, com valores diametralmente opostos ao culto do ego a que assistimos na sociedade contemporânea".

Teatro e Revolução são duas faces de um mesmo fenómeno. Tal como na Grécia antiga, a democracia e o teatro nasceram exactamente ao mesmo tempo. E no presente, este binómio continua a ser tão necessário como sempre.

Manuel Xestoso, *Nôs Diário*

A lua cheia

Na Esplanada, ontem, contamos com a presença de Josef Nadj, o coreógrafo, bailarino, fotógrafo e artista plástico, que partilhou com os presentes detalhes sobre o processo criativo da sua mais recente obra, *Full Moon*, durante uma conversa moderada por Alexandre Calado.

Começou-se a conversa com o destaque da rutura que a obra *Omma* representou na carreira de Nadj, tendo sido a primeira peça em que não dançou e não investiu no trabalho visual cénico, mergulhando antes numa reflexão com os bailarinos, com quem não tinha a ligação de projetos anteriores. Essa mudança drástica continuou em *Full Moon*, obra que conta com sete bailarinos de origem africana, num espaço vazio, acompanhados por música de diferentes proveniências, sendo a história deste grupo recorrentemente interrompida por uma figura mascarada.

Sobre a escolha do título desta obra, Nadj explicou que em *Full Moon* surgiu um desejo de explorar o lado noturno, tendo mesmo chegado a pensar estruturar a peça segundo as vinte e oito fases da lua. Apesar de ter repensado esse esquema, estava certo da atuação que a lua tem sobre os seres vivos, que descreve ser “como a energia de um ritual”, procurando espelhar esse horizonte de uma influência. Revelou que a certeza do título surgiu naturalmente, quando a dado momento entendeu que a

peça estava finalizada e numa manhã acordou com a certeza de que o título devia ser “a lua está cheia”.

A propósito da energia ritualista, debateu-se a relevância dos rituais nas sociedades contemporâneas, entendendo o coreógrafo que há uma necessidade humana por rituais e uma conexão intrínseca da dança com ritos ancestrais, considerando mesmo que “a dança pode ter a sua origem no ritual”.

Sobre o processo criativo, Nadj explicou que desafiou a distinção entre coreógrafo e bailarinos, tendo procurado criar um espaço do qual pudesse emergir uma linguagem partilhada que “pudesse pertencer a todos”. Contrariamente aos seus trabalhos anteriores, neste caso não havia qualquer conceção prévia do que poderia vir a ser. Não havia nada preparado formal ou conceptualmente, surgindo de “uma tábua rasa”. Descrevendo os primeiros dias como “catastróficos”, surgiram pontos convergentes focados na simplicidade dos gestos e no ritmo enquanto “a base da dança”. Este processo exigiu mergulhar nas memórias pessoais, numa memória comum de uma vida de pobreza e de gestos simples reconhecidos por quem os viveu, que começaram a ganhar ritmo, transformando-se depois na base para a coreografia.

Numa verdadeira viagem às origens da dança e da humanidade, a personagem de Josef Nadj em *Full Moon* simboliza tanto ele próprio, quanto uma marioneta que interage com o universo ao seu redor, refletindo desta forma sobre a consciência e a inconsciência.



© Patrícia Poço

O coreógrafo expressou ainda o seu interesse pelo jazz, considerando-o um estilo musical de verdadeira libertação espiritual e de grande intensidade. Revelou aos presentes a dificuldade com que se deparou quando percebeu a profunda desconexão dos seus bailarinos com esse tipo de música, mais familiarizados que estavam com outros estilos musicais, evidenciando uma verdadeira perda das origens culturais — no entanto, depois de contactarem com o jazz sentiram-se profundamente tocados pela sua força e energia.

Por fim, interrogado sobre as suas intenções políticas, clarificou que *Full Moon* constitui um gesto cultural, sem intuito político. O coreógrafo entende que a peça confirma a sua convicção de que, apesar das origens distintas, temos uma raiz comum. E viu-se

já muitas vezes confrontado com programadores que não acolhem o seu trabalho, por não terem abertura para esta partilha cultural.

Rute Costa

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio

Tónan Quito

Escola D. António da Costa

20:00 | Música

in.dia

Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro

Mãe Coragem

Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro

Além da dor

Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro

Remédio

Fórum Municipal Romeu Correia

Espectáculo de Honra 2025

No dia 18, à entrada para o último espectáculo desta 41.ª edição (*Où je vais la nuit*), convidamos o público a votar no Espectáculo de Honra 2025, como já é tradição.

Os dezasseis espectáculos candidatos a regressar para o ano são (por ordem cronológica de apresentação): *Terminal (O Estado do Mundo)*; *Além da dor*; *Fonte da Raiva*; *1001 noites – Irmã Palestina*; *La tempesta*; *Salgueiro Maia*; *Cartografia de um monólogo*; *Et maintenant*; *Miss Knife est en cou-*

ple; *Sans Tambour*; *Black Lights*; *Remédio*; *Full Moon*; *Crisi di nervi, tre atti unici di Anton Chechov*; *Entrelinhas*; *Manuela Rey Is In Da House* e *LIFE Event No. 3*.

No fim da última sessão do Festival será anunciado o espectáculo que regressa para o ano como Espectáculo de Honra 2025 - e que receberá como prémio um Quixote de Honra. Finda a peça, haverá Música na Esplanada, com o projecto brasileiro *RioLisboa cantam Revolução*. E também petiscos - já que nem só de fruição vive o Homem...

Entre linhas

Nesta altura, o cenário já é mais que conhecido. A Esplanada da Escola D. António da Costa será palco, amanhã às 18h, do colóquio com Tónan Quito. Desta vez, a moderação será feita por Patrícia Cividanes.

Quito é co-criador e intérprete de *Entrelinhas*, e fundador da companhia HomemBala, juntamente com Patrícia Costa. O texto de Tiago Rodrigues para este espectáculo trata a longa relação entre os dois criadores nos imprevistos que é a arte de fazer teatro.

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Pernas de frango com tomate e grão

Bacalhau à Gomes de Sá

Caril de lentilhas e espinafres

AMANHÃ

Risotto de cogumelos e frango

Sardinhas fritas com salada de favas

Borscht